

Bomba-relógio armada

JOSEMAR GONÇALVES

Da Redação

Uma verdadeira bomba-relógio está armada no coração da capital há 30 anos, sem que as autoridades tomem uma providência para evitar o pior. Uma invasão que fica atrás do Setor de Inflamáveis cresce em cima de um duto que bombeia, diariamente, mais de 2 milhões de litros de combustíveis, numa espécie de tragédia anunciada. A região, próxima ao Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), tem serviços de água, luz e correios. Só não é asfaltada. Absurdo dos absurdos: há infra-estrutura para uma ameaça à integridade de todo o Distrito Federal.

A invasão tem até nome — Associação dos Chacareiros da Margem da Cabeceira do Córrego do Guará e seus Adjacentes (Aschaga). O cenário ainda é de uma ocupação rural em desenvolvimento, com casas grandes de alvenaria, algumas com piscina. Mas já há notícias de chácaras ilegais sendo divididas em

lotes, vendidos a R\$ 15 mil, em média. A Aschaga, que parece não incomodar, transmite estabilidade aos moradores, que acreditam que nada deve acontecer. Nem uma derrubada ou uma futura regularização.

João Ribeiro de Andrade, 59 anos, foi um dos primeiros a se instalar no local. "Em 1977, quando eu invadi, só havia umas seis chácaras. Hoje eu já perdi a conta de quantos somos", diz. Apesar de ter se aposentado do terreno há 30 anos, só em 1989 João resolveu mudar para a chacara. "Eu tinha outra casa também em uma invasão (próxima a Aschaga) e tive que sair de lá", explica.

João sabe que a terra não é dele e que a qualquer momento pode ter de deixar o local, onde planta verduras, cana e cuida de galinhas. E é por conhecer a realidade do lote que ele não participa da associação de moradores. "Eu não tenho nenhum documento, vou pagar por quê?", justifica.

Mas não são todos que pen-

sam como ele. A dona de casa Maria da Conceição Pereira dos Santos, 43, que mora na área há quase dez anos, começou a contribuir para a entidade em 2001. "Um dia, o presidente da associação conversou comigo e me deixou ficar, desde que me filiasse. Quando entramos, fizemos um grande esforço para pagar quase R\$ 900. Pago porque tenho a esperança de regularizar", conta. Segundo ela, a mensalidade atual de R\$ 15 tem como destino a advogada da associação.

O presidente da Aschaga, Manoel Joacir Pereira Bernardino, diz que as terras realmente não pertencem a quem mora nelas. "Mas queremos arrumar os documentos. Há mais de cinco anos já demos entrada na Justiça para regularizar os parcelamentos", diz. De acordo com ele, a região está desapropriada e não tem registro. No entanto, a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) tem tanta certeza que a terra pertence a ela que já licitou uma parte.



■ APESAR DE OCUPAREM UMA ÁREA DE ALTO RISCO, CHÁCARAS PERMANECEM NO LOCAL SEM PROBLEMA